



De Ulisses a Viriato
O primeiro milénio a.C.



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

Índice

- 15 **O primeiro milénio a. C.**
Jorge de Alarcão
- 31 **Tartesso**
Ana Margarida Arruda
- 35 **Os Fenícios no Ocidente**
Ana Margarida Arruda
- 46 **Os Gregos no Ocidente**
Ana Margarida Arruda
- 52 **Abul: um estabelecimento fenício no Baixo Sado**
Françoise Mayet
Carlos Tavares da Silva
- 60 **Santa Olaia**
Isabel Pereira
- 66 **A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal**
Thomas Bubner
- 73 **O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa**
João Luís Cardoso
- 82 **Os povoados da 1ª Idade do Ferro do Sul de Portugal**
Virgílio Hipólito Correia
- 88 **A escrita pré-romana do Sudoeste peninsular**
Virgílio Hipólito Correia
- 95 **O castelo de Castro Marim**
Ana Margarida Arruda
- 101 **O sítio arqueológico de Garvão e o seu depósito ritual**
Virgílio Hipólito Correia
- 107 **O castro de Segóvia e a componente céltica em território português**
Teresa Júdice Gamito
- 112 **A cerâmica estampilhada**
Teresa Júdice Gamito
- 118 **Povoamento e habitat no Noroeste português durante o 1º milénio a. C.**
Manuela Martins
- 134 **A Citânia de Briteiros**
Armando Coelho Ferreira da Silva
Rui M. S. Centeno
- 136 **A Citânia de Sanfins**
Armando Coelho Ferreira da Silva
Rui M. S. Centeno

Catálogo

- 139 **Ourivesaria proto-histórica em território português** ✓
Armando Coelbo Ferreira da Silva
- 147 **Povoamento, espaço e *gentilitates* no 1º milénio a. C. no Nordeste transmontano**
Francisco Sande Lemos
- 154 **As inscrições indígenas de Lamas de Moledo e Cabeço das Fráguas**
Fernando Patrício Curado
- 160 **Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português. O testemunho dos mamíferos.**
João Luís Cardoso
- 172 **De Ulisses a Viriato**
- 173 **Plinto 1**
Um guerreiro calaico
- 174 **Vitrine 1**
Os casais e as aldeias da Idade do Bronze Final
- 176 **Vitrine 2**
Os povoados de altura
- 178 **Vitrine 3**
A tholos da Roça do Casal do Meio
- 180 **Plinto 2**
As estelas estremenas
- 181 **Vitrine 4**
O Castro de Baiões
- 187 **Vitrine 5**
Cerâmica de ornatos brunidos
- 189 **Vitrine 6**
Solidariedades atlânticas e mediterrânicas
- 193 **Vitrine 7**
O machado e a foice

- 197 **Vitrine 8**
Os tesouros de mercadores
- 200 **Vitrine 9**
A espada, as jóias e o poder
- 205 **Vitrines 10 A**
Grandes vasos contentores de Santa Olaia
- 208 **Vitrines 10 B**
Os Fenícios - mercadores de civilização
- 218 **Vitrine 11**
Povoados e necrópoles do Baixo Alentejo
- 224 **Vitrine 12**
Larnakes
- 226 **Vitrine 13**
Contas e armas e *obeloi*
- 230 **Plinto 3**
Uma das mais antigas escritas do
Ocidente europeu
- 234 **Vitrine 14**
De Tartesso às Estrímnidas
- 241 **Vitrine 15**
A influência tartéssica ao longo do Guadiana
- 248 **Vitrine 16**
Uma sociedade multi-racial no Sul,
na 2ª Idade do Ferro
- 258 **Vitrine 17**
O Castro da Cabeça de Vaiamonte
- 266 **Vitrine 18**
O santuário de Garvão
- 276 **Plinto 4**
Cepo de âncora das Berlengas
- 276 **Vitrine 19**
A retoma da rota atlântica e a reanimação do
Noroeste
- 283 **Vitrine 20**
O armamento da Idade do Ferro
- 289 **Plinto 5**
A inscrição de Lamas de Moledo
- 290 **Vitrine 21**
A cultura material castreja

302 Vitrine 22

Torque de Vilas Boas

303 Plinto 6

A invasão romana

304 Plinto 7

A emergência dos grandes castros do Noroeste

304 Vitrine 23

A religião de Lusitanos e Calaicos

306 Vitrine 24

Os comerciantes na esteira das legiões

310 Plinto 8

A *Pax Romana*

311 Bibliografia geral

Povoamento, espaço e gentilitates no 1º milénio a.C., no Nordeste transmontano.

Francisco Sande Lemos

Em textos anteriores (Lemos 1993a, p. 75-139; 1995a, p. 298-299) desenhamos os traços essenciais do espaço nordestino, enquanto cenário geomorfológico onde se instalaram e viveram as comunidades proto-históricas. É uma região de largos horizontes, amplas montanhas, extensos planaltos, profundos vales e depressões de origem tectónica. Devido à especificidade da sua história geológica e relevo (Ribeiro 1974) e à situação, no quadro da Península, confrontam-se, em Trás-os-Montes Oriental, influências atlânticas, continentais e mediterrânicas, o que resulta numa acentuada diversidade micro-regional a qual, por sua vez, condiciona a densidade e distribuição dos habitats. Desde as montanhas do extremo norte (pluviosidade superior a 1200 mm; clima muito húmido) até ao vale do rio Douro (pluviosidade inferior a 400 mm; clima seco) registam-se assinaláveis variantes nos contextos ecológicos, nos solos e na paisagem (para uma análise mais profunda podem consultar-se diversas obras de conjunto sobre Portugal, designadamente a *Geografia de Portugal* de H. Lautensach e Orlando Ribeiro, artigos de Suzanne Daveau (Daveau *et alii* 1983; 1990), ou regionais, como a monografia de Vergílio Taborda, as Memórias de introdução à Carta dos Solos, editada pela UTAD, a par de diversos textos de J. Alves Ribeiro (ver bibliografia).

Não se conhecem, por ora, povoados abertos com materiais atribuíveis aos últimos estádios da Idade do Bronze. Todavia, registam-se utensílios e armas de bronze (diversos machados de talão e uma ponta de lança), bem como cerâmicas de tipo Cogotas I e com decoração Boquique, numa série de locais, que se destacam pelo seu posicionamento, com amplo controlo do espaço envolvente e dos corredores naturais de circulação, planálticos ou fluviais. Citamos os casos do Castelo de Urros, que se eleva entre os contrafortes meridionais da serra de Roboredo e o vale do Douro; da Senhora da Adeganha, sobranceiro ao vale da Vilarça, do Castelo de Anciães, que domina o planalto circundante e um amplo trecho do vale do Douro. Registam-se, também, cerâmicas de tipo Boquique numa cavidade calcária do extremo norte de Trás-os-Montes Oriental: a Lorga de Dine. O cume sobrejacente terá sido um povoado, que disfrutava de ampla visibilidade sobre o curso superior do rio Tuela. No mesmo vale,

muitos quilómetros a juzante, localizam-se os sítios de S. Juzenda, dominando o trecho final do Tuela, e de S. Brás, que controla os últimos contrafortes meridionais da serra da Nogueira. Na depressão de Bragança destaca-se o Castelo de Rebordãos. Para leste, já nas arribas do Douro, terá sido recolhida uma ponta de lança de alvado, no povoado de Cigaduenha (Picote).

Nenhum destes sítios foi objecto de trabalhos sistemáticos. Em S. Juzenda abriram-se duas sondagens (Hock 1980). Quanto às escavações da Lorga de Dine permanecem inéditas. Julgamos, porém, que é possível avançar com a hipótese de assinalarem uma primeira fase de formação de povoados fortificados, eventuais cabeças de território, mais ou menos extensos, controlando os grandes eixos de circulação. Todavia, enquanto não dispusermos de estudos monográficos sobre este conjunto de habitats, será temerário especular sobre a eventual continuidade de ocupação entre o Bronze Final e a Idade do Ferro. Na verdade, as excelentes condições geo-estratégicas destes locais favoreceram a sua ocupação, quer em fases anteriores (Calcolítico), quer em períodos mais recentes como a Baixa Idade Média (vejam-se os exemplos de Anciães, da Senhora da Adeganha, de S. Brás, na Terra Quente, ou de Dine, na Terra Fria).

Em contextos cronológicos ainda mal definidos, provavelmente ao longo dos séculos VI e V, de acordo com datações de C14, obtidas em sítios de Zamora Ocidental, recentemente estudados por Angel Esparza Arroyo (1987) e Consuelo Escribano Velasco (1990), generalizam-se os povoados fortificados, como unidades de habitat. Embora o número de escavações seja muito limitado, a circunstância da paisagem nordestina ser aberta, sem manchas florestais muito extensas e reduzida pressão demográfica, permitiu a sobrevivência em bom estado de inúmeros povoados, cujos limites e sistema defensivo podem ser caracterizados, através da análise da fotografia aérea e do reconhecimento no campo. Verifica-se, assim, que os povoados proto-históricos do Nordeste apresentam entre si afinidades, que os distinguem dos grandes castros dos planaltos e montanhas ocidentais de Trás-os-Montes e do litoral (Entre Douro e Minho).

Os povoados mais abundantes são de pequena superfície (entre 0,5 e 1,1 hectares), assentam em esporões e circunscrevem-se a uma única linha de defesa, fechada num torreão voltado à zona de mais fácil acesso, normalmente cortada por um profundo fosso escavado na rocha. Sítios deste modelo encontram-se distribuídos ao longo das margens dos rios Douro, Sabor, Maçãs, Angueira, Baceira e Tuela. Alguns destes povoados assentaram em contextos topográficos bem marcados, promontórios que terminam em falésias sobre o Sabor, o Douro e o Tuela, de tal modo que dispensam uma fortificação fechada, limitando-se o seu sistema defensivo a um ou dois arcos de muralha. A par destes povoados, que constituem o maior número de sítios inventariados, registam-se outros, assentes nos "inselbergs" (relevos residuais) quartzítico-xistosos e nas cumeadas que dominam as serras ou os planaltos circundantes. Na generalidade, apenas apresentam uma linha de muralha, embora alguns fossem protegidos por sistemas mais complexos com uma segunda plataforma, provida de uma muralha complementar e sistema de duplo fosso.

Neste segundo grupo de sítios destacam-se alguns, cuja área intramuros (1,4 a 1,6 hectares) excede o habitual na zona, ainda que não alcancem as dimensões dos castros da serra da Padrela ou do planalto de Alijó.

A arquitectura defensiva dos povoados nordestinos é, pois, variável, mas pouco complexa,

embora revele uma eficaz adaptação aos recursos disponíveis. Nos castros instalados em "inselbergs" quartzíticos, as muralhas encostam-se aos afloramentos rochosos, sendo as faces internas e externas formadas por pedra irregular assente a seco. Nos que se situam em zonas onde o sub-estrato xistoso é menos duro, a muralha incorpora areias e argilas locais, garantindo assim uma maior solidez aos paramentos. Nos "castelos graníticos", os pequenos blocos irregulares que formam as muralhas foram extraídos dos afloramentos existentes, criando assim plataformas planas no espaço intramuros.

O sistema de fossos e pedras fincadas não está associado a qualquer modelo específico de povoados. Tanto ocorre nos pequenos sítios sobranceiros ao Sabor, como nos que foram implantados em cumeadas montanhosas. Parece ter sido uma técnica introduzida na Idade do Ferro e que perdurou por largos séculos, pelo menos até ao século I d. C., sendo aplicada em fortificações da época romana, de que é um excelente exemplo o castro mineiro designado Cerca dos Mouros de Vale de Éguas, no concelho de Murça (Lemos 1993b, p. 493-495).

A distribuição dos habitats acompanha a rede hidrográfica, a bordadura dos planaltos ou cumes mais destacados, em contextos de montanha. Aliás, um dos aspectos mais assinaláveis é a existência de povoados em patamares montanhosos assaz elevados, como é o caso da Penha Mourisca de Bouzende, extenso sítio fortificado, erguido nos contrafortes meridionais da Serra da Nogueira a 1230 metros de altitude. Deve admitir-se que a economia deste habitat assentava na pastorícia, bem como na exploração de recursos silvícolas e cinegéticos. De facto, na área próxima dispõem-se excelentes prados naturais (Lemos 1993b, p. 189). Outro exemplo é o grande povoado de Cidadelhe (Vinhais), instalado a 1020 metros, nos últimos relevos meridionais da serra da Coroa. Defendido por poderosas muralhas de xisto anfibolítico de cor negra, disfruta de ampla visibilidade sobre o vale do rio Tuela, que se abre a sul, numa profunda depressão tectónica (Lemos 1993b, p. 453).

De um modo geral as cerâmicas recolhidas em prospecções de superfície, por

Pormenor da muralha
Castro de S. Marcos de
Pópolo (Alijó)

Pormenor da muralha
Castro da Geada
(Vimioso)



A. Esparza Arroyo (1984; 1987) e F. Sande Lemos (1993a), parecem filiar-se no universo de Soto de Medinilla, seja pela tipologia dos bordos, seja pela modalidade dos acabamentos com superfícies exteriores grosseiras e as interiores muito polidas.

Para além da tipologia dos habitats, da especificidade da arquitectura defensiva, seria possível considerar como um elemento identificador da Idade do Ferro do Nordeste conjuntos de esculturas zoomórficas de dimensão variável, representando javalis, berrões e touros. Sem rejeitar o fundo indígena destas representações é de assinalar que o contexto dos achados, quando é conhecido, se situa já no período romano. Nestas condições é difícil garantir que tais esculturas sejam um traço cultural marcante das comunidades da região ou se, outra hipótese, se difundiram no quadro do Império, a partir de pólos bem definidos com os territórios dos Vaqueus e Vetões.

Embora não existam indicadores paleo-ecológicos que permitam reconstituir directamente a economia proto-histórica, a análise dos territórios potenciais sugere que foram articulados objectivos de estratégia defensiva, ou de controlo territorial, com uma ampla diversidade de recursos.

A descrição do território de um pequeno povoado encravado nas faldas meridionais da Serra de Montesinho, a Torre de Soutelo de Gamoedo (1010 metros) revela uma profunda reflexão sobre o local do assentamento. Situado num espaço deprimido em plena serra (entre os contrafortes graníticos e cumes de substrato xistoso) domina, no entanto, uma vasta paisagem (Lemos 1993b, 55-56). Instalado exactamente na faixa de contacto entre granitos e xistos beneficiava, por certo, de nascentes abundantes. Próximo existem solos que, bem drenados, garantem prados ou culturas húmidas, como a do linho, por exemplo. Nos montes circundantes abrem-se amplos espaços para pastoreio. A floresta, que revestia as vertentes que fecham o vale do Sabor abrigava, por certo, nesse tempo, tal como hoje, valiosos recursos cinegéticos, entre os quais o corço e o javali. As areias do rio (Sabor) que ficam à distância de menos de meia-hora, continham minerais de ouro e estanho carreados pela erosão de filões que, no milénio seguinte, foram explorados de maneira sistemática pelos Romanos e, intensivamente, no século XX (estanho).

O estudo do território de outro povoado, o Monte de Santa Comba (Lemos 1993b 433-p. 434) implantado num cume de substrato xistoso (alt. 917 metros) e dotado de um sistema defensivo mais complexo (formado por uma muralha principal mais uma segunda plataforma rodeada por uma linha de muralhas complementar, a sul), revela analogias com o sítio da Torre de Soutelo.

Para norte dispunham-se as íngremes e pedregosas vertentes que descem até ao rio Tuela, com abundantes recursos piscícolas. O carvalho negro (*Quercus Pyrenaica* willd) formava uma mata que protegia a fauna selvagem, proporcionando, também, lenha e bolotas. Para leste as vertentes são menos profundas, abrindo-se uma ampla depressão sobrelevada e de interflúvios suaves, com solos de excelente aptidão agrícola, quer para a cultura de leguminosas, quer de sequeiro. Próximo existem ocorrências de cromite, que garante um excelente minério de ferro.

Na Terra Quente a estrutura territorial dos povoados parece estar mais dependente dos recursos aquíferos, destacando-se a proximidade de cursos de água perene. Os territórios são mais dilatados integrando solos aluvionares, e coluvionares, susceptíveis de regadio, a par de interflúvios de vertentes suaves favoráveis às culturas de sequeiro e de espaços adequados ao pastoreio de gado ovino ou caprino. Entre numerosos exemplos podem citar-se os casos de S. Juzenda, do Castelo Velho de

Mirandela, do Castelo da Senhora da Adeganha e do Castelo de Urros. O posicionamento de S. Juzenda (alt. 342 metros) ilustra este modelo. A menos de meia-hora alcança-se o leito do rio Tuela. Ainda no interior da isócrona de meia-hora incluem-se fluvisolos, quer no vale daquele rio, quer no vale lateral de um afluente, que contorna o povoado pelo lado sul. Para norte e nordeste no espaço delimitado por uma hora de marcha, dispõem-se solos próprios para a cultura do trigo (Lemos 1993b, p. 260).

Não custa, pois, admitir, que estes povoados do 1º Milénio a .C., quer os da Terra Fria quer os da Terra Quente, viviam em regime de autarcia económica semelhante ao estudado na zona de Léon (vale do Tera) e cristalizado no espaço concreto da arquitectura doméstica (Fernandez-Posse *et alii* 1994).

Todavia, é interessante verificar que os abundantes recursos, oferecidos pelo quadro geomorfológico, não parecem ter sido aproveitados de forma extensiva. Em certas áreas os habitats aglutinam-se, enquanto que noutras ocorrem espaços vazios, sem povoamento, ainda que os contextos geomorfológicos e edafológicos sejam favoráveis. Algumas das zonas de aglomeração de povoados justificam-se, talvez, pela existência de ocorrências mineiras de grande rentabilidade.

Entendemos, porém, que a ausência de uma distribuição geométrica pode ser lida como um indicador de ordem cultural. Os povoados, de pequena dimensão, apenas acolhiam uma família extensa e eventuais elementos adoptados, na sequência de conflitos. Uma das poucas aras com divindades indígenas, é consagrada a *Laesus*, nome que surge com frequência na antroponímia indígena, pelo será possível adiantar a hipótese do monumento evocar um antepassado mítico da comunidade. É provável que um grupo de povoados se filiasse na mesma linhagem e que os povoados de maior área muralhada albergassem as linhagens mais poderosas.

Grande parte destes povoados do Nordeste seriam ocupados por um povo cujo nome ficou registado no textos clássicos (Plínio) e cuja existência foi confirmada pela epigrafia (CIL 2606, 2633, 2651 e 5684), os *Zoelae*. A zona meridional, para sul da Serra de Bornes, seria o território de outro povo, os Banienses, sobre o qual dispomos de poucos dados, sendo assim mais discutida a sua exacta localização (Tranoy 1981, Alarcão 1988, Lemos 1993a). A zona intermédia da bacia do Tua seria ocupada por um terceiro povo, cujo nome é objecto de várias conjecturas, dada a total ausência de elementos. Para oeste, nas montanhas e planaltos que formam Trás-os-Montes Ocidental, dispunham-se os povos organizados em *castella*.

Esta possível diferença de organização social (*castella/gentilitates*) é um aspecto assaz interessante que merece referência mais dilatada e que tem sido tratado em numerosa bibliografia (Albertos Firmat 1975; 1988a; 1988b; González-Rodríguez 1986; González-Rodríguez e Santos Yanguas 1985-1986; Santos Yanguas 1989; Pereira-Menaut 1984 ; 1990).

Neste âmbito, o pacto dos *Zoelae*, encontrado em *Asturica*, é um documento epigráfico assinalável a vários títulos, e, por isso mesmo, citado com muita frequência. Nele conservam-se os nomes de várias *gentilitates* que pertenceriam à *gens Zoela*. O pacto regista dois momentos históricos distintos: o século I d. C., em que o garante é, ainda, um magistrado zoela; um segundo, no século seguinte, em que o garante é um funcionário romano. Esta distinção foi sublinhada por Alain Tranoy (1981). Pela nossa parte julgamos ser importante referir que o texto do séc. I se reporta a um pacto

anterior, provavelmente não escrito. É, pois, legítimo supor que, antes da romanização, já as linhagens se agrupavam em sistemas de alianças, para defender interesses comuns, ou resolver conflitos.

Os espaços vazios eram territórios de possível expansão, e embora nada demonstre um estado de guerra endémico, é razoável supor que a pressão demográfica conduzia, forçosamente, a conflitos, à luta pelos recursos disponíveis.

Sabemos que a organização social dos *Zoelae* seria em *gentilitates*, embora desconheçamos se o modelo prevalecia entre os Banienses e no médio vale do Tua.

Noutras áreas do Noroeste Peninsular, o comércio atlântico, a abertura de mercados, a afirmação de elites, levou à emergência de habitats mais amplos e complexos, os *castella*. É possível que o nome de cada *castellum* evocasse a linhagem dominante. Pode deduzir-se que estes *castella* estavam agrupados em *populi*, como os *Bracari*, tal como um conjunto de *gentilitates* se reconhecia nos *Zoelae*. Não se pode, todavia, garantir, a existência de *castella* proeminentes que se destacassem como sede de cada povo, embora a ocorrência de um conjunto de estátuas de guerreiros seja assaz sugestiva.

A fronteira entre os *populi* organizados em *castella* e em *gentilitates* está bem definida, no Norte de Portugal. As inscrições características dos *castella*, com C invertido, distribuem-se pela faixa ocidental entre a margem atlântica e os rios Rabaçal e Tuela. Na verdade, algumas inscrições mencionando *castella* foram registadas para leste dessa faixa, mas assinalam emigrantes atraídos pela actividade mineira que teve uma rápida expansão a partir da época de Augusto, em Vale de Ferreiros - Torre de Moncorvo (exploração de ferro).

A equivalência geográfica entre a distribuição das epígrafes e a diferença de tipos de povoados não pode ser uma simples coincidência. Revela modelos sociais e culturais distintos. Queremos, no entanto, salientar que a organização social em *castella* não pode ser considerada como um estágio mais evoluído, a partir de um fundo comum. São apenas, modelos diferentes. Aliás, não se registam indicadores de profundas alterações na estrutura dos povoados nordestinos, nos últimos séculos do 1º milénio a. C., ao contrário dos fenómenos de proto-urbanismo registados nos povoados do litoral. O Norte interior terá estado confinado a um certo isolamento, quer pelas montanhas que o separam da faixa atlântica, quer pela distância em relação aos grandes eixos difusores de inovações, como a Rota da Prata ou o vale de Ebro, ainda mais longínquo.

Curiosamente, os *castella* da faixa atlântica dissolvem-se na nova ordem política estabelecida no séc. I, sob o Império Romano. Pelo contrário, o modelo de *gentilitates*, mais flexível, terá perdurado até ao séc. III. Esta perduração não deve ser encarada como um arcaísmo, já que o Nordeste sofreu um profundo processo de romanização, tendo-se verificado mesmo o abandono generalizado dos povoados fortificados. O teatro das últimas operações militares, durante as quais se processou a implantação definitiva do domínio romano, situa-se na zona de León (Syme 1970; Tranoy 1981; Le Roux 1982). Nesta área, nas últimas décadas do século I a. C. as legiões romanas venceram os Ástures. O território dos Zoelas foi assim integrado no *conventus* de *Asturica*. De facto, Plínio cita este povo entre os *Astures Augustani*. O espaço meridional, de características mais mediterrânicas, parece ter sido integrado na Lusitânia. Estabelece-se, assim, uma nova organização do espaço e uma nova hierarquia de povoamento, embora as estruturas sociais indígenas subsistam. O 1º milénio a. C. termina num contexto de mudança irreversível.

Bibliografía

- ALARCÃO, J. (1988) - *Roman Portugal*. Warsminster: Aris & Phillips. vol. 2.
- ALBERTOS FIRMAT, M. D. (1975) - Organizaciones suprafamiliares en la Hispania Antigua. *Studia Archeologica*. Santiago de Compostela. 37.
- ALBERTOS FIRMAT, M. D. (1988) - Interpretación. Los nombres indígenas. In *Tesserae Hospitalis de Montealegre de Camps (Valladolid)*. Valladolid. p. 22-25 e 30-32. (Monografías del Museu Arqueológico de Valladolid).
- ALBERTOS FIRMAT, M. D. - (1988a) Sobre los Castella del Noroeste. In *Actas del I Congreso Peninsular de Historia Antigua*. Santiago de Compostela: Universidade. vol. 2. p. 191-195.
- CARTA DOS SOLOS (Agroconsultores e Coba)
- CARTA DO USO ACTUAL DA TERRA.
- CARTA DE APTIDÃO DA TERRA DO NORDESTE DE PORTUGAL, MEMÓRIA. UTAD. 114 p.
- DAVEAU, S. [et al.] (1977) - *Répartition et rhyme des précipitations au Portugal*. Lisboa.
- DAVEAU, S. [et al.] (1985) - *Mapas climáticos de Portugal. Nevoeiro e nebulosidade. Contrastes térmicos*. Lisboa.
- ESCRIBANO VELASCO, C. (1990) - Contribución al estudio de la Edad del Hierro en el Noroeste de Zamora: el "Castillo" de Manzanal de Abajo. In *Actas do I Congreso de Historia de Zamora*. Zamora. vol. 2, p. 221-224.
- ESPARZA ARROYO, A. (1984) - Los castros de Zamora Occidental e Trás-os-Montes Oriental: habitat y cronología. *Portugália*. Porto. 4-5. 131-146.
- ESPARZA ARROYO, A. (1987) - *Los castros de la Edad del Hierro del Noroeste de Zamora*. Zamora.
- FERNANDEZ-POSSE, M. D. [et al.] (1994) - Estructura social y territorio en la cultura castreja prerromana. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 34:3-4. 191 e 192. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto, 1993. vol. 4.
- GONZALEZ RODRIGUEZ (1986) - *Las unidades organizativas indígenas del área Indo-Europea*. Vitória: Universidad del País Vasco. (Anejo de Veleia).
- GONZALEZ RODRIGUEZ, SANTOS YANGUAS (1985-1986) - El caso de las llamadas gentilitates: revisión y propuestas. *Veleia*. Vitoria. 2-3. 373-382.
- HOCK, M. (1980) - Corte estratigráfico no Castro de S. Juzenda. In *Actas do I Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães. 2. 55-70.
- LE ROUX, P. (1982) - *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques. D'Auguste a l'invasion de 409*. Paris: Boccard.
- LEMONS, F. S. (1993) - *O povoamento romano de Trás-os-Montes oriental*. Braga. UIM. 2 vols.
- LEMONS, F. S. (1995) - Zoelas e Civitas Zoelarum: uma unidade étnica no quadro da romanização do Noroeste. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:1-2. 295-305. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto, 1993. vol. 6.
- PEREIRA MENAUIT (1984) - La formación histórica de los Pueblos del Norte de la Hispânia. El caso de Callaecia como Paradigma. *Veleia*. Nova Série. 1. 271-287.
- PEREIRA MENAUIT (1990) - Etnogeografía de Galicia. *Reunión sobre Paleo-Etnología de la Península Ibérica*, Madrid.
- SANTOS YANGUAS, J. (1989) - *Los Pueblos de España Antigua*. Madrid. (Historia, 16).
- RIBEIRO, A. (1974) - *Contribution à l'étude tectonique de Trás-os-Montes oriental*. Lisboa. (Memórias dos Serviços Geológicos).
- RIBEIRO, J. A. (1983) - Património ecológico de Trás-os-Montes oriental e Alto Douro. *Brigantia*. Bragança. 3:3. 491-497.
- RIBEIRO, J. A. (1990) - Comunidades florísticas dos matagais da Terra Fria Transmontana. *Brigantia*. Bragança. 10 (4). 109-116.
- RIBEIRO, J. A. (s. d.) - Notas fito-geográficas sobre a azinheira e o sobreiro na Terra Quente Transmontana. *II Encontro sobre Montados de Sobre e de Azinbo*.
- SYME, R. (1970) - The conquest of North-west Spain. *Legio VII Gemina*. León, p. 79-108.
- TABORDA, V. (1932) - *Alto Trás-os-Montes. Estudo geográfico*. Coimbra, 220 p.
- TRANOY, A. (1981) - *La Galice Romaine*. Paris.